

Reflexões críticas sobre as questões socioambientais na mesorregião norte goiana: uma análise do documentário 'Ser Tão Velho Cerrado'

Critical reflections on socio-environmental issues in the northern Goiás mesoregion: an analysis of the documentary 'Being So Old Cerrado'

Reflexiones críticas sobre problemas socioambientales en la mesorregión norte de Goiás: un análisis del documental 'Ser Tão Velho Cerrado'

DOI: 10.54033/cadpedv21n5-198

Originals received: 04/26/2024

Acceptance for publication: 05/17/2024

Laurielly Maria Itacarambi da Silva

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Recursos Naturais do Cerrado (RENAC)

Instituição: Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Endereço: Iporá, Goiás, Brasil

E-mail: laurielly.silva@ifgoiano.edu.br

Lauro Bian Conceição Cândido

Mestre em Ambiente e Sociedade

Instituição: Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Endereço: Morrinhos, Goiás, Brasil

E-mail: bian.geografo@gmail.com

Rodrigo Wiesner

Mestre em Ambiente e Sociedade

Instituição: Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Endereço: Morrinhos, Goiás, Brasil

E-mail: rodrigowiesner@gmail.com

Fernando Campos Pimentel

Doutorando em Agroquímica

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano

Endereço: Rio verde, Goiás, Brasil

E-mail: fcampospimentel@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, propomos uma análise fílmica do documentário "Ser Tão Velho Cerrado" (2018), dirigido por André D'Elia, com foco nas questões socioambientais da Mesorregião Norte Goiano, Microrregião Chapada dos Veadeiros. O presente estudo destaca a importância do documentário como uma ferramenta para discutir e compreender as questões relacionadas à degradação e à devastação do bioma. O Cerrado brasileiro é essencial para a preservação das reservas de água potável do país. Ele recarrega aquíferos, mantém nascentes e cursos d'água, abriga espécies hidrodependentes e regula o clima regional. Sua preservação é vital para garantir água potável, destacando-se como um dos principais biomas do Brasil. Além disso, examinamos a relevância da abordagem educacional no filme para sensibilizar o público sobre os impactos ambientais da degradação do bioma Cerrado e conseqüentemente de sua contribuição para o Brasil. Ao longo deste trabalho, exploramos as diversas perspectivas apresentadas no documentário, incluindo aquelas da população local, dos políticos, de empresários, dos defensores da preservação ambiental, ativistas e turistas. Também investigamos as alterações ecossistêmicas decorrentes da rápida e invasiva intervenção humana na região. A abordagem educacional adotada no documentário emerge como um dos pontos centrais de análise, revelando sua capacidade de sensibilizar o público sobre os impactos ambientais da degradação do Cerrado. Concluimos com uma reflexão sobre o estado atual do bioma, alertando para a necessidade urgente de ações efetivas de preservação, uma vez que degradado, o Cerrado enfrenta um processo irreversível de extinção. Este estudo busca contribuir para uma compreensão mais ampla das complexidades socioambientais relacionadas ao Cerrado e para o estímulo de iniciativas de conservação e sustentabilidade.

Palavras-chave: Análise. Documentário. Cerrado. Socioambientais. Devastação.

ABSTRACT

In this article, we propose a film analysis of the documentary "Being So Old Cerrado" (2018), directed by André D'Elia, focusing on the socio-environmental issues of the North Mesoregion of Goiás, specifically the Chapada dos Veadeiros Microregion. The present study highlights the importance of the documentary as a tool for discussing and understanding issues related to the degradation and devastation of the biome. The Brazilian Cerrado is essential for preserving the country's freshwater reserves. It replenishes aquifers, maintains springs and watercourses, harbors hydro-dependent species, and regulates the regional climate. Its preservation is vital to ensure clean water, standing out as one of Brazil's main biomes. Additionally, we examine the relevance of the educational approach in the film to raise awareness among the public about the environmental impacts of Cerrado biome degradation and its contribution to Brazil. Throughout this work, we explore the various perspectives presented in the documentary, including those of the local population, politicians, businessmen, environmental preservationists, activists, and tourists. We also investigate the ecosystemic changes resulting from rapid and invasive human intervention in the region. The educational approach adopted in the documentary emerges as one of the central points of

analysis, revealing its ability to raise public awareness about the environmental impacts of Cerrado degradation. We conclude with a reflection on the current state of the biome, warning of the urgent need for effective preservation actions, as once degraded, the Cerrado faces an irreversible process of extinction. This study seeks to contribute to a broader understanding of the socio-environmental complexities related to the Cerrado and to stimulate conservation and sustainability initiatives.

Keywords: Analysis. Documentary. Cerrado. Socioenvironmental. Devastation.

RESUMEN

En este artículo, proponemos un análisis cinematográfico del documental "Ser Tão Velho Cerrado" (2018), dirigido por André D'Elia, centrándonos en las cuestiones socioambientales de la Mesorregión Norte de Goiás, específicamente la Microrregión de la Chapada dos Veadeiros. El presente estudio destaca la importancia del documental como una herramienta para discutir y comprender los problemas relacionados con la degradación y devastación del bioma. El Cerrado brasileño es esencial para preservar las reservas de agua dulce del país. Repone acuíferos, mantiene manantiales y cursos de agua, alberga especies hidrodendientes y regula el clima regional. Su preservación es vital para garantizar agua potable, destacándose como uno de los principales biomas de Brasil. Además, examinamos la relevancia del enfoque educativo en la película para sensibilizar al público sobre los impactos ambientales de la degradación del bioma Cerrado y su contribución a Brasil. A lo largo de este trabajo, exploramos las diversas perspectivas presentadas en el documental, incluyendo las de la población local, políticos, empresarios, defensores de la preservación ambiental, activistas y turistas. También investigamos los cambios ecosistémicos resultantes de la intervención humana rápida e invasiva en la región. El enfoque educativo adoptado en el documental emerge como uno de los puntos centrales de análisis, revelando su capacidad para sensibilizar al público sobre los impactos ambientales de la degradación del Cerrado. Concluimos con una reflexión sobre el estado actual del bioma, advirtiendo sobre la necesidad urgente de acciones efectivas de preservación, ya que una vez degradado, el Cerrado enfrenta un proceso irreversible de extinción. Este estudio busca contribuir a una comprensión más amplia de las complejidades socioambientales relacionadas con el Cerrado y estimular iniciativas de conservación y sostenibilidad.

Palabras clave: Análisis. Documental. Cerrado. Socioambiental. Devastación

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa o documentário "Ser Tão Velho Cerrado", uma obra cinematográfica dirigida e produzida por André D'Elia, que se dedica a abordar a problemática da devastação do bioma do Cerrado no Brasil. O filme

se destaca por sua narrativa centrada na denúncia da degradação desse ecossistema, cuja importância crítica na manutenção das reservas hídricas do país é enfatizada.

Ao longo de sua extensão, que totaliza 96 minutos, o documentário expõe meticulosamente dados, imagens e vídeos que ilustram os conflitos socioambientais emergentes da destruição do Cerrado. Destaca-se a apresentação de diferentes perspectivas dos agentes envolvidos nesse cenário, desde os agricultores familiares e empreendedores do ecoturismo até os grandes latifundiários que se dedicam à produção de soja na região, evidenciando as tensões políticas subjacentes em níveis local, estadual e nacional.

A obra também direciona seu foco para questões específicas, como o embate na gestão do plano de manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) do Pouso Alto, a ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e os impactos da expansão da monocultura de soja em Goiás. Além de sua função como instrumento de conscientização sobre a atual situação de degradação do Cerrado, o documentário faz ecoar os resultados de estudos científicos que atestam a urgência de medidas de intervenção para conter a destruição desse bioma, atualmente em um estágio crítico de declínio.

A ausência de iniciativas eficazes de proteção, preservação e mitigação coloca em risco a sobrevivência dos últimos redutos de ecossistemas naturais desse bioma, levando-os à iminente ameaça de extinção.

Dessa forma, poderemos verificar durante a análise filmica fatores que possibilitem uma contribuição significativa para o debate acadêmico, ao instigar uma reflexão sobre a necessidade premente de ações para resgatar o Cerrado, um ecossistema de inestimável riqueza e importância para o equilíbrio do sistema terrestre.

2 SER TÃO VELHO CERRADO

O cerrado é uma matriz ambiental localizada nos chapadões centrais do país, com uma das maiores diversidades florística e faunística do planeta, em um sentido endêmico, ou seja, se apresentam apenas neste local.

Em um contexto científico, as informações obtidas por intermédio de entrevistas com os mais diversos especialistas é de que o Cerrado é a mais antiga das formações ambientais entre as formações modernas do Planeta Terra, se concretizando há cerca de 45 milhões de anos, conforme Altair Barbosa, geólogo e antropólogo. Em termos fisionômicos, o Cerrado tem suas características pautadas sobretudo pela presença de fisionomias florestais, savânicas e campestres (Ribeiro e Walter, 2008)

As formações “cerradeiras” se destacam pelas peculiaridades com faunas e floras especializadas e adaptadas, situações que contribuem sobremaneira para a sobrevivência humana, sobretudo no que concerne à produção de medicamentos caseiros, conhecidos como fitoterápicos. Esta diversidade de animais e plantas, tem suma importância ao que se trata à manutenção dos biomas circundantes como caatinga, amazônia, etc., sendo, portanto, considerado um “hotspot”, designação dada a relações endêmicas que apresentam algum grau de ameaça.

A drenagem ocorrente na região do cerrado abastece os principais aquíferos, lençóis subterrâneos, bacias hidrográficas brasileiras e circundantes, esta condição pode ser explicada pelas características fitofisionômicas, a destacar: árvores frondosas de copas médias, folhas lixentas, troncos tortuosos e raízes profundas, este sistema radicular contribui em um contexto edafológico para o transporte hídrico até as zonas mais profundas, sendo auxiliado ainda pela formação geológica fendilhosa em algumas regiões.

O processo de antropização tem corrompido os alicerces do cerrado, sobretudo por meio de relações de destruição irreversíveis, em toda a sua área de domínio resta-se apenas pequenas manchas preservadas em núcleos de áreas de conservação, como as APA's designadas (Áreas de Proteção Ambiental), a exemplo a de Pouso Alto em Goiás, reserva com com

872.000 hectares que abrange os Municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Teresina de Goiás, Colinas do Sul, São João d'Aliança e Nova Roma, estas conjecturas de preservação visam portanto, ordenar a ocupação do território por meio de um plano de manejo de articulação e que vise atender às expectativas com a composição de profissionais dos mais diversos segmentos, visando a melhoria da qualidade de vida da população.

2.1 PROBLEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS DA DEGRADAÇÃO NO CERRADO

A presença do homem, relativamente em pouco tempo, alterou drasticamente as características do bioma. O cerrado já chegou ao seu clímax de desenvolvimento e uma vez degradado, não mais irá se recuperar em sua forma original. Com isso, já é realidade seu processo irreversível de extinção. O que resta da vegetação natural, são apenas resquícios do bioma preservado nas unidades de conservação.

Um dos motivos da devastação desse bioma é a atividade mineradora. E a sociedade tem o dever de observar e frear a ganância da mineração, pois a população local ainda tem uma visão limitada dos impactos da atividade. Inclusive, os proprietários de garimpos, ainda afirmam que a extração é uma atividade de impacto mínimo. As opiniões se dividem, mas a maioria busca uma condição de relação mútuas. Algumas alternativas demonstradas pelos agricultores locais é a denominada utilização da “roça-de-toco” que conforme apontam Siminski e Fantini (2007 p. 691) se trata de um “sistema baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade”, promovendo uma refloresta e ganhos significativos por meio da prática da agricultura familiar.

O município de Cavalcante é um dos territórios que já foram amplamente explorados pela mineração, como consequência temos inclusive o fato de que o rio do primeiro garimpo de cristal, hoje encontra-se completamente seco. A população sofre com a degradação deixada pela atividade de mineração, que extraiu toda a riqueza, deixando como herança apenas a degradação ambiental na região, problema este que deverá ser assumido e sanado pelas futuras

gerações. Após 300 anos de mineração o município ainda é muito pobre. A mineração, também é uma das principais ameaças à chapada dos Veadeiros.

Argumenta-se que o potencial turístico, é o setor que mais emprega e traz recursos para o município, inclusive, mais que a própria atividade de mineração, pois ele distribui renda para a população local. Essa atividade deve ser incentivada, para substituir as fontes de recursos oriunda da atividade de mineração.

Em contrapartida, as populações nativas do cerrado vivem em harmonia com a natureza. As plantações orgânicas respeitam o ciclo de plantio para garantia da qualidade do solo, de 5 a 6 anos. Essa maneira de cultivar o solo, é passada de geração em geração, incentivando a de produção orgânica, e com sementes centenárias. Não há máquinas e venenos, e o uso do solo é compartilhado. Essas, são práticas sustentáveis que devem ser incentivadas e ampliadas na região.

O povo Kalunga, de origem quilombola, ainda preserva a cultura de suas tradições. Seu território no município de Cavalcante (GO), é o maior território quilombola do mundo, mas ainda é pequeno, considerando que muitos quilombolas ainda não têm território demarcado. Mas já existe pessoas da comunidade Kalunga que venderam suas terras para indústrias de extração mineral (maior jazida de manganês). A comunidade Kalunga também descobriu as potencialidades dos alimentos do cerrado, pela extração sustentável e orgânica, entretanto, isso ainda não é explorado.

Em outro aspecto, a falta de água já é uma realidade na região. O cerrado é rico em água em seu lençol freático, pois as raízes da vegetação contribuem para a infiltração da água que abastece as rochas quartzitos. O terreno, funciona como uma esponja, e por estar em um planalto central no país, distribui a esta água captada para as outras regiões do Brasil. Porém, já falta água em Brasília, pela falta da vegetação nativa do cerrado.

A atividade agrícola, também impacta diretamente na absorção da água no solo. Com o corte da vegetação nativa, a falta das raízes profundas prejudica na absorção da água às camadas mais profundas da terra, assim, a água evapora mais rápido, e torna o solo mais seco. A capacidade de recarga é

prejudicada, pois só a floresta nativa segura a água. Segundo o entrevistado no documentário, no mínimo, 10 rios de médio porte desaparecem por ano no cerrado.

O documentário também expõe, o confronto entre as placas nas rodovias, que dizem que o cerrado é a savana com maior biodiversidade do planeta, mas em seu horizonte, só é possível avistar a imensidão de plantações de soja.

O código florestal permite a degradação de 80% das áreas privadas, e 85% do cerrado está localizado em áreas privadas, principalmente em posse dos grandes produtores rurais. O cerrado está desprotegido. Respeitando o código florestal, o risco de desmatamento ainda é mais 40 milhões de hectares nas próximas décadas.

Com o corte da vegetação nativa do cerrado, o primeiro efeito é sentido diretamente no clima, o segundo é a erosão do solo. Aliado a isso, aumenta-se a infestação de pragas que para seu combate, também se aumenta o uso de inseticidas e agrotóxicos. Assim, os pequenos produtores orgânicos também sofrem os impactos, pois suas culturas orgânicas são os refúgios para esses insetos. A poluição do lençol freático, pode demandar vários anos para a recuperação da qualidade da água.

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos no mundo, só em 2013, foram consumidos 1 bilhão de litros, uma cota de 5 litros por habitante. Existem 14 tipos utilizados no país, inclusive os que são banidos em outros locais do mundo. Nós somos o maior mercado de escoamento dos insumos fitossanitários rejeitados pelos outros países. Os insetos típicos das regiões agricultáveis já sentem os reflexos negativos, tem-se a exemplo, os agentes polinizadores como as abelhas, que se encontram em risco, podendo levar também à extinção de diversas espécies de plantas.

Sem proteção e consciência da importância das áreas do cerrado, sejam elas naturais ou passíveis de recuperação, ainda presenciaremos a extinção do cerrado em nossa geração, além do comprometimento de abastecimento de água em todo o país. Os rios estão sendo tratados como mercadorias e a fim de comercialização, a bacia do rio São Francisco já está morrendo.

Recentemente, as autorizações para a construção de pequenas centrais hidrelétricas (PCH) tem acarretado impactos ambientais abruptos, sobretudo pela mudança das características naturais e dos habitats dos animais. Foi vendida a ideia que esta matriz energética é menos agressiva ao meio ambiente, entretanto, os reservatórios tornam-se verdadeiras fábricas de gás que contribuem para a intensificação do efeito estufa, devido à decomposição da mata, processo este, irreversível.

A criação das PCH's, além dos impactos ambientais, também provocará reflexos sociais devido à mão de obra empregada na saúde e qualidade de vida da população, bem como na alimentação e no aumento da violência.

Além disso, o aspecto econômico também pode ser prejudicado, pois os habitantes da região sobrevivem por meio da base econômica do ecoturismo, que necessita da preservação ambiental para que se mantenha em qualidade no que concerne à suas atividades.

Em contrapartida, a energia solar já se demonstra uma alternativa viável, além de que a região da Chapada dos Veadeiros também é propícia à esta matriz energética, contudo, a fonte hidrelétrica é mais barata.

A problemática se restringe ao simples combate do agronegócio exploratório/predatório, mas busca-se também valorizar as outras formas de cultura, e a primeira fonte de renda na região, que deveria ser o turismo, que depende integralmente da preservação do meio ambiente.

O turismo não leva, ele traz. Ele tem o poder da transformação nas comunidades locais pela geração de emprego e renda. Se uma agência trabalha com o fornecimento de guias, serviços de alimentação e hospedagens, isso se configura como fator de distribuição de renda. Além disso, o turista valoriza a história local e a preservação cultural, social e ambiental. Frente aos benefícios socioambientais, o ecoturismo deveria ser viabilizado como a principal atividade compatível com a características da região do cerrado, pois é uma atividade mais sustentável.

3 APA DO POUSO ALTO NA CHAPADA DOS VEADEIROS

Um dos últimos refúgios do cerrado no país é a reserva APA de Pouso Alto, considerada como a maior de Goiás. Uma APA, é uma unidade de conservação com o objetivo de ordenar a ocupação do território (BRASIL, 1988), entretanto, não consegue ter as mesmas medidas de preservação dos parques nacionais.

Como pode ser verificado na Tabela 1, a APA de Pouso Alto incide sobre 6 municípios localizados no nordeste goiano. Estando suas maiores áreas nos municípios de Cavalcante e Alto Paraíso de Goiás, respectivamente.

Tabela 1 – Municípios nos quais incidem a Unidade de Conservação e suas características

Municípios - APA de Pouso Alto								
#	UF	Município	População (IBGE 2018)	População não urbana (IBGE 2010)	População urbana (IBGE 2010)	Área do Município (ha) (IBGE 2017)	Área da UC no município (ha)	Área da UC no município (%)
1	GO	Alto Paraíso de Goiás	7.558	1.666	5.219	259.390,50	259.138,98	28,46 %
2	GO	Cavalcante	9.693	4.650	4.742	695.366,60	406.518,61	44,65 %
3	GO	Colinas do Sul	3.404	998	2.525	170.818,70	142.693,97	15,67 %
4	GO	Nova Roma	3.293	2.045	1.426	213.596,00	32.519,83	3,57 %
5	GO	São João d'Aliança	13.387	3.533	6.724	332.737,90	26.974,77	2,96 %
6	GO	Teresina de Goiás	3.416	882	2.134	77.463,90	42.403,76	4,66 %

Fonte: Unidades de Conservação do Brasil (2019)

As atividades nessas unidades devem ser reguladas por um plano de manejo, que é um acordo de convivência, elaborado por um grupo de trabalho, responsável por discutir sobre os aspectos da região. O plano pode inclusive, proibir a aplicação de agrotóxicos e o uso de transgênicos na região, mas a pressão do agronegócio já causa a evasão da população local, em busca de novas oportunidades na cidade ou no trabalho para as grandes fazendas.

O plano de manejo da APA, é considerado um marco na proteção pelo aumento das áreas de proteção permanente (APP) dos rios e matas. No plano, foram definidas 3 áreas: uso agropecuário, uso de desenvolvimento sustentável e áreas intangíveis que não podem ser alteradas. Entretanto, a criação das PCH's nos rios da região foi permitida.

Discute-se que o grupo de trabalho não é isento, e contemplam em sua maioria, a bancada agrícola. O conselho é um grande desacordo, pois sua atual formação é altamente comprometida pelos interesses da agricultura industrial. Das 29 cadeiras, apenas 5 têm algum compromisso com o meio ambiente. Todavia, todas as representatividades deveriam ter voz, e a nova proposta cria representatividade, à setores do turismo, assentados da reforma agrária, quilombolas e pesquisadores.

Além disso, segundo as diretrizes atuais do plano de manejo, hoje é está autorizada a construção das PCE's na área de proteção da APA, energia que será direcionada para a mineração e para os pólos industriais. A pressão para sua implantação é feita por parte daqueles que irão se beneficiar diretamente, como por exemplo, a empresa Rialma de propriedade da família Caiado, já foi autorizada a iniciar as construções.

A fundação Mais Cerrado tem feito pressão para a criação de uma lei em proteção do cerrado e lutam pelo plano de manejo da APA de pouso alto, pela falta de representatividade no conselho, pela adequação para uma proposta mais coerente com a preservação da região. Em outro aspecto, também já foram retomados os estudos para a ampliação do parque nacional da Chapada dos Veadeiros, a fim de incluir novas áreas de altitude.

Serão poucos proprietários e poucas propriedades que estão sendo desapropriadas e por um preço justo. Para o setor turístico, será um potencial de novos empregos e aumento da renda, pelo aumento do parque.

Por fim, o presidente Michel Temer assinou o decreto que aumentou em quase 4 vezes a área da chapada dos veadeiros, baseado nos estudos, agora ele precisa ser implementado. Em retaliação o parque foi atacado, pelo fogo criminoso. Que devastou o parque em um dano irreparável.

O fogo na mata foi a represália do setor ruralista, 28% da reserva se perdeu em mais de 10 dias e há indícios que ele foi sim criminoso. Para ser considerado um incêndio de grandes proporções. Foi a maior operação de combate com 200 pessoas em campo e essa união só fortaleceu a motivação dos ativistas em atuar na preservação do parque.

Portanto, diante da degradação ambiental pela política agrícola e agrária, é o próprio ser humano que se encontra em risco. O agronegócio é visto como o salvador da economia hoje, mas a longo prazo, será a falência do nosso sistema produtivo, dos fazendeiros e da biodiversidade de milhares de anos. No imaginário da população, existe-se a ideia de que a destruição do cerrado para o cultivo de plantations, justificam-se para a finalidade da erradicação da fome, mas na realidade a produção é destinada à alimentação de rebanhos nacionais e estrangeiros, sobretudo no exterior.

3.1 A PERSPECTIVA SOB A ÓTICA DOS RURALISTAS NA QUESTÃO AMBIENTAL

A grande crítica do documentário é que a bancada de gestão que projeta as propostas para o plano é composta pelos grandes ruralistas da região, os quais não estão preocupados com sua preservação. Os ruralistas defendem que sua atividade não prejudica a absorção da água pelo solo, entretanto, a vegetação exótica e a formação de desertos verdes, não viabilizam a absorção da água da chuva como a vegetação nativa, mas só a quantidade suficiente para sua sobrevivência.

O documentário ainda exprime o apoio do partido PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) que esteve à frente da gestão por 5 mandatos, apoiando as políticas de incentivo aos ruralistas. Uma das propriedades locais, a “Fazenda Gavião”, é um latifúndio localizado nas proximidades da Chapada dos Veadeiros, e já recebeu autuação por diversos crimes ambientais, inclusive a prática do “correntão”, para decapagem da vegetação nativa. Segundo denúncias, sua propriedade é atribuída ao pai do ex-governador, Marconi Perillo, por isso, tem existido excessivas pavimentações asfálticas em estradas de seus arredores.

Os ruralistas viram nas características planas do solo, propícias para a mecanização das culturas, a oportunidade em expandir seus territórios de maneira desenfreada, mas a consequência disso será a extinção do bioma.

O produtor se vê no direito de exploração, pois, se há preservação, isso pode gerar, por conseguinte, uma desapropriação. Preservar, na concepção dos

mesmos, é o pior negócio. Entretanto, o ciclo econômico da soja, que é uma das monoculturas que mais se destacam na região, é de apenas 6 anos e isso é considerado um tempo parco.

À medida em que a produtividade cai, eventualmente o produtor não conseguirá atingir as metas dos contratos com as multinacionais onde a terra é a garantia válida. Nesse panorama, em pouco tempo, a propriedade do cerrado estará nas mãos do capital estrangeiro. Os ruralistas afirmam que deve haver um benefício econômico, pois eles não “preservarão de graça”. Para eles, nenhuma empresa trabalha gratuitamente e eles não estão dispostos a pagar o preço do custo pela preservação. A ganância do homem na exploração dos recursos naturais, não tem limites.

Em outro aspecto, também afirmam que o solo do cerrado é pobre e que o solo foi enriquecido com calcário e fósforo, o que tornou as terras produtivas. Essas correções alteram suas propriedades naturais, aumentando o processo de degradação, e após a interferência no solo, de modo que o mesmo nunca mais se recupera à forma primária. Como consequência, as plantas nativas não conseguem mais se desenvolver em terrenos onde as propriedades naturais foram alteradas, por isso, a vegetação nativa do cerrado está predestinada a um processo gradativo de extinção, pois não existem locais possíveis de revitalização, onde as áreas já foram modificadas

Nos dias atuais, tem-se o desenvolvimento do processo de concentração fundiária no Brasil e a região do MATOPIBA - fronteira agrícola que compreende os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, é a concretização da autorização para os grandes fazendeiros desmatam e cultivarem a monocultura da soja. A produção nessas grandes propriedades abarca espaços de terra maiores que estados inteiros do país, e não geram empregos por causa da mecanização.

Há produtores que cultivam em apenas uma propriedade, 80 mil hectares. Em contrapartida, hoje o parque nacional da Chapada dos Veadeiros possui apenas 10% da área original que era de 65 mil hectares devido à várias mutilações em seu território. Com isso observa-se a discrepância, no tamanho das terras que são destinadas à preservação.

Para os ruralistas, o Brasil não necessita mais de parques, pois já é um grande parque preservado. Eles defendem que o avanço da agricultura é essencial para a humanidade, porém, os que abastecem o comércio alimentício local são os pequenos produtores familiares. As grandes monoculturas são de exportação. Nesse contexto, o agricultor familiar não pretende acabar com o meio ambiente, mas sim preservar, porque pretende continuar a depender dos seus recursos. São eles os responsáveis pela maior diversidade alimentar, e é preciso que o estado traga investimentos para fomentar este tipo de economia, que respeite o desenvolvimento sustentável.

Além disso, os ruralistas afirmam que a atuação dos ambientalistas está engessando a atuação e o desenvolvimento do agronegócio da mineração e da energia. O agronegócio pensa que o cerrado é um reserva de expansão agrícola sem restrições, que não tem outra utilidade/finalidade, inclusive alegando que não há devastação. Entretanto, 90 milhões de hectares do cerrado já foram convertidas em área de cultivo para a base agropecuária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do documentário a impressão que permanece e que à devastação do cerrado impõe um ônus que está sendo suportado em intervalos cada vez mais curtos, com a população local sofrendo as consequências enquanto as grandes multinacionais, que se apropriam dos recursos naturais do cerrado em nome do desenvolvimento econômico global, escapam ilesas. Esta dinâmica, muitas vezes rotulada como "importação de problemas ambientais" por países estrangeiros no Brasil, reflete uma externalização dos impactos, evitando que sejam sentidos diretamente em seus próprios territórios.

Ao transpor o conteúdo cinematográfico para os dilemas reais vivenciados nessa região. A preservação do cerrado não se caracteriza como mera demagogia política, mas uma necessidade fundamental para a sobrevivência atual e futura, essencial para a sustentabilidade. Somente através da preservação ambiental podemos garantir a continuidade da vida em escala global. É urgente a implementação de uma legislação específica para proteger o

cerrado, diante da predominância dos interesses do agronegócio na esfera estatal, que determina o destino de nossas reservas naturais.

Ser Tão Velho Cerrado nos deixa uma mensagem direta e clara. O cerrado clama por socorro em seus últimos suspiros. Se não houver uma significativa contenção do avanço dos grandes latifúndios monocultores, os impactos irreversíveis já iniciados e sentidos pelas gerações presentes serão intensificados ainda mais. Estamos diante de uma encruzilhada onde a ação imediata é essencial para evitar danos irreparáveis ao cerrado e às comunidades que dependem dele para sua subsistência e bem-estar.

AGRADECIMENTOS

À CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e a UEG Universidade Estadual de Goiás, por meio da concessão de bolsa em modalidade DS; Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano) pelo auxílio financeiro e por concessão de bolsa no Programa Institucional de Qualificação do IF Goiano (PIQ).

REFERÊNCIAS

BRASIL. RESOLUÇÃO CONAMA n° 010 de 14 de dezembro de 1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. 11 de novembro de 1989, seção II, p. 13660. Disponível em: < <http://www2.mma.gov.br/port/colnoma/res/res88/res1088.html>>. Acesso jun. 2019.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. **Área de Proteção Ambiental de Pouso Alto**. Disponível em: < <https://uc.socioambiental.org/arp/3258>>. Acesso em mai. 2019.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T.; As principais fitofisionomias do bioma cerrado. In Sano, S. M.; ALMEIDA, S. P. de; RIBEIRO, J. F. (Editores Técnicos). **Cerrado Ecologia e Flora**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008.

SIMINSKI, A.; FANTINI, A.C. Roca-de-toco: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina. **Ciência Rural**, v.37, n.3, p.690-696, 2007.

Ser Tão Velho Cerrado. Directed by André D'Elia. 2018;